

JACQUES LACAN NO BANQUETE JOYCIANO

Ram Avraham Mandil*

RESUMO:

A partir de várias referências feitas pelo psicanalista Jacques Lacan à obra de James Joyce, e tomando uma perspectiva crítica das relações entre literatura e psicanálise, busca-se examinar os elementos de uma doutrina da letra oriundos desse encontro. Essa trajetória abre caminho para se pensar o estatuto da voz não apenas na dimensão da oralidade mas também a partir da sua relação com a letra.

PALAVRAS-CHAVE: *James Joyce; Jacques Lacan; a letra; a voz.*

O primeiro encontro entre o psicanalista Jacques Lacan e o escritor James Joyce reduziu-se a um aperto de mãos. É o próprio Lacan quem o relata, numa conferência para um público de joycianos, no *Bloomsday* (16 de junho) de 1975: "Saindo de um meio bastante sórdido, do colégio Stanislas para dizer seu nome (...) aconteceu de, aos dezessete anos, eu ter me encontrado com Joyce, graças ao fato de freqüentar a livraria de Adrienne Monnier" (1987: 22). Esse encontro poderia ter sido meramente casual, não fosse o fato de ter acontecido com alguém que considera o acaso como costurado à trama a que damos o nome de destino.

O segundo encontro entre Jacques Lacan e James Joyce veio na forma de texto. A partir do conto de Edgar Allan Poe, em seu Seminário sobre "A carta roubada" (1956), Lacan faz menção ao jogo de palavras "a letter, a litter", que extrai de um livro publicado em Paris, em 1929, por Sylvia Beach, com um título estranho: *Our exagmination round his factification for incamination of work in progress*.

O título do livro fica mais inteligível quando se tem acesso a seu conteúdo. Nele, doze pessoas – Samuel Becket puxando a fila, William Carlos Williams, Stuart Gilbert, entre outros – escrevem os artigos, que são seguidos de duas cartas de protesto, a última assinada por um certo Vladimir Dixon, intitulada "A litter to Mr. Germ's Choice".

* Doutor em Literatura Comparada, 1999.

Os artigos se reportam aos fragmentos do *Work in progress* – publicado mais tarde como *Finnegans Wake* – que vinham sendo publicados episodicamente em revistas literárias, causando espanto e gerando críticas dos mais variados matizes. James Joyce não se fez de rogado e procurou responder às críticas convocando "doze apóstolos" para o trabalho. Durante muito tempo houve a suspeita – inclusive da editora do livro – da presença do próprio James Joyce, na pele desse suposto senhor Vladimir Dixon, um engano que só se desfez mais de sessenta anos depois.¹ No entanto, a presença do escritor é sentida em cada página do livro: "dentro ou atrás ou além ou acima de sua obra, invisível, depurado da existência, indiferente, aparando suas unhas" (1992: 214), como o Deus da criação evocado em *Um retrato do artista quando jovem*.

Nem tão indiferente assim. Com o *Our Exagmination...*, Joyce intervém ativamente sobre a recepção de sua obra. Se esta tem se revelado de difícil digestão, Joyce não se acanha em fazer vir à mesa convivas que estariam à altura do seu banquete, o que, de imediato, lança a questão sobre o tipo de leitor que esta obra exige. Uma outra interrogação decorre do mecanismo acionado por Joyce, ou seja, do retorno sobre a obra dos efeitos provocados pela leitura preliminar de seus escritos, ou dos seus fragmentos já publicados. Os comentários ou as críticas retornam sobre a própria obra, mas não para corrigir o seu rumo. A crítica jamais é contestada, mas absorvida, aspirada para dentro da obra – não sem ironia, é verdade – como um cimento tomando parte em sua argamassa.

LITERATURA E PSICANÁLISE

Quais os efeitos produzidos pela passagem do psicanalista Jacques Lacan pelo banquete joyciano?

Um desses efeitos pode ser medido pelo encontro entre um psicanalista e uma obra de arte, encontro esse que, desde Freud, vem gerando várias linhas de trabalho e, por certo, algumas confusões.

Sem ser o meu objetivo fazer um recenseamento das várias perspectivas abertas por esse encontro, julgo conveniente declarar os princípios que orientam minha investigação sobre a leitura da obra de Joyce por Lacan. Antes de mais nada, jamais poderia desconsiderar que a aproximação de Lacan dos textos de Joyce leva em consideração a psicanálise como *prática*, indissociável da sua *teoria*. Um eventual Lacan "pensador da cultura" é, a meu ver, inseparável do Lacan clínico, pois são os impasses gerados na experiência analítica que orientam, antes de mais nada, a sua atenção para obras como a de James Joyce.

Jean Starobinski já havia alertado os estudiosos da questão da relação entre Freud e a literatura para jamais desconsiderarem que a perspectiva freudiana é, sempre, a de um clínico interessado no sucesso de seus tratamentos (1970: 255-285). O que poderia ser considerado um limite às relações entre psicanálise e literatura é justamente o que, a meu ver, permite extrair o que há de mais precioso desse encontro, ainda que a avaliação dos resultados necessite de lentes distintas. Nesse aspecto, ainda com Starobinski, a entrada da psicanálise no campo literário não deve ser vista nem como a de uma "intrusa" – como se esse campo não fosse consistente o suficiente para precisar de guardiões... – nem como o de uma "autoridade", se considerarmos a perspectiva pela qual ela não visaria a "dominar" a obra, ou impor o seu ponto de vista, mas sim deixar-se invadir pelo que, da obra, resiste à sua interpretação. Sobre esse aspecto, a aproximação de Lacan da obra de Joyce torna-se ainda mais interessante, pois é o próprio psicanalista quem identifica, na recusa confessa de Joyce à psicanálise, não uma "resistência", como vulgarmente se supõe, mas um limite da própria psicanálise, uma vez que o escritor, no rigor do seu trato com a língua e com a satisfação a ela atrelada, vai, a seu modo, na mesma direção do que de melhor uma psicanálise poderia almejar em seu fim.

Não é possível encontrar, nessa perspectiva de Lacan sobre Joyce, nenhum elogio à sublimação. A respeito de Joyce, Lacan não fala de sublimação – como um possível "destino feliz" para a pulsão – mas de sintoma, ou "sinthoma", como prefere. E é precisamente por tomar a psicanálise como algo indissociável dos problemas suscitados pela sua prática que Lacan pode encontrar na obra de Joyce um suporte para a renovação do conceito psicanalítico de sintoma, renovação esta, é bem verdade, cujo alcance ainda estamos por avaliar.

Sobre esse aspecto, cabe uma observação a respeito da maneira como Lacan aproxima-se da obra de Joyce. Diferentemente de Freud, não se evidencia, em Lacan, qualquer preocupação a respeito das possibilidades da psicanálise como ciência da literatura. Esse aspecto não o libera para uma leitura que se confunde com a mera aplicação dos conceitos da psicanálise, como se estes conceitos já estivessem, de uma vez por todas, estabelecidos. A riqueza da leitura que Lacan faz da obra de Joyce, a meu ver, reside no fato de sua orientação da psicanálise ser também a de um *work in progress*, o que permite pensar os seus conceitos e a sua prática como estando sempre sujeitos a constantes reelaborações diante dos impasses ou das dificuldades que estão em seu caminho. Sabemos quão empobrecedor se torna quando os avanços da psicanálise sobre as obras literárias limitam-se a encontrar uma ilustração para os seus conceitos. Na verdade, quando Lacan aproxima-se da obra de Joyce, não o faz como mero "adorno" a suas elaborações, mas como alguém que tem a plena consciência, transmitida por Freud, de que a arte em geral, e a literatura em particular, como bem observa François Regnault, participam da *organização* dos conceitos da psicanálise (1995).

Nesse aspecto, o que realmente parece indicar uma perspectiva distinta para o encontro entre a psicanálise e uma obra literária é constatar que, na verdade, jamais conseguiríamos destacar, por exemplo, o passo dado por Lacan, em direção à renovação da noção de sintoma, da leitura que ele pôde fazer da obra de Joyce. Uma leitura, aliás, que sofre os efeitos da obra, uma vez que a elaboração da noção de sintoma é toda feita por um Lacan que permite "joycianizar-se", o que se traduz na maneira como seu texto deixa-se moldar pelos mesmos procedimentos e dispositivos adotados pelo escritor.² A bem da verdade, Lacan revela um aspecto análogo ao da atitude de Freud diante da escultura de Moisés, de Michelangelo: deixando-se invadir pelos mesmos procedimentos que atribui ao escultor, Freud enxerta em seu texto os desenhos do que supõe teriam sido os movimentos que precederam a posição retratada, ao final, pelo artista.

Vale ressaltar que o interesse pelo que Lacan teria a dizer a respeito da obra de Joyce foi muito além da conferência de abertura do V Simpósio Internacional James Joyce, no anfiteatro da Sorbonne, a convite de Jacques Aubert.

Esse interesse pela leitura de Lacan da obra de Joyce estende-se, nos anos 90, para além das fronteiras daquilo que a crítica anglo-saxônica, não sem uma ponta de indiferença, nomeia como *the French Joyce*, ou seja, um campo circunscrito pela maneira como a obra joyciana é recebida no território francófono, onde a influência de Lacan seria esperada. Tanto é assim que o prestigioso *James Joyce Quarterly*, editado pela Universidade de Tulsa, dedicou a sua edição de outono de 1991 ao tema "Joyce entre gêneros: uma perspectiva lacaniana" (*Joyce between genders: a lacanian view*). Editado por Sheldon Brivic, e contando com a colaboração de Ellie Ragland-Sullivan e Garry M. Leonhard, dentre outros, este número do *JJQ* procura consolidar o "ramo" lacaniano dos estudos joycianos em língua inglesa, prosseguindo assim o trabalho de Frances L. Restuccia que, dois anos antes, havia editado, pela Universidade de Yale, o livro *Joyce and the Law of the Father* (1985).

Tanto no trabalho de Restuccia quanto na edição do *JJQ*, podemos notar, no entanto, que a leitura de Lacan da obra de Joyce é convertida em "perspectiva", alinhada como mais um tipo de crítica a ser inserida no catálogo, junto com as críticas feministas, femininas, raciais ou pós-coloniais que compõem hoje a corrente dos "estudos culturais" predominante nos departamentos de literatura das universidades norte-americanas. A edição do *JJQ*, se por um lado "legitima" a leitura de Lacan da obra de Joyce, por outro busca subordinar essa leitura ao estudo das "relações de gênero" (*gender relations*), em que se procura avaliar o modo como o masculino e o feminino se definem enquanto sistemas de linguagem. Convertida em "perspectiva", a leitura lacaniana acomoda-se à academia, podendo, a partir de então, ser estendida para os demais campos dos estudos culturais.

Essa conversão tem, no entanto, o seu preço. Ao dissociar a psicanálise das questões decorrentes de sua prática, a "perspectiva psicanalítica" acaba por transformar a psicanálise numa "disciplina", capaz de interagir ou mesmo competir no mesmo plano que as demais disciplinas. No entanto, tal transformação tende a apagar a riqueza do encontro da psicanálise com as obras literárias, uma vez que acaba por desconsiderar exatamente aquilo que, verdadeiramente, projeta o psicanalista, enquanto clínico, em direção a essas obras.

A (I)LEGIBILIDADE

A incidência da leitura de Lacan sobre a obra de Joyce também não pode evitar a questão da legibilidade.

A leitura de Lacan permite perceber a emergência progressiva de um elemento na obra de Joyce: a letra. Não se trata de aplicar sobre a obra de Joyce um conceito de letra mas, ao contrário, examinar, a partir dela, os possíveis estatutos que uma letra pode adquirir. Percebe-se, nas várias referências de Lacan a Joyce, que a insistência no exame da função da letra, de um modo ou de outro, reincide sobre o contexto em que o nome de Joyce é evocado. Lacan, na busca por uma definição do estatuto da letra no campo da linguagem, tema relegado a segundo plano pela lingüística, mesmo a de Saussure, encontra em Joyce um interlocutor privilegiado. O modo como ele mobiliza a escrita, a maneira como a letra vai, gradativamente, preponderando sobre o sentido das palavras, possibilitando os jogos entre os sons e os sentidos, permite a Lacan levantar questões a respeito da sua materialidade, sobre sua relação com o significante, a ponto de questionar a relação entre o escrito e sua leitura. A partir dos efeitos da letra joyciana, Lacan irá encontrar o suporte para articular, de um lado, o registro do real, e de outro, os do simbólico e do imaginário; assim surge a dimensão "litoral", num contraponto entre a letra e a "litura", a rasura – sonho com as possibilidades de uma "litureterra" a se destacar da literatura. Com a escrita de Joyce, podemos, então, estabelecer uma conexão entre a letra e a voz, o que permite pensar a voz para além dos cânones da oralidade. E, por fim, num contexto teórico em que a letra cede lugar, no ensino de Lacan, para as figuras topológicas (ou, se quisermos, num contexto onde a letra é pensada como variação de uma figura topológica, entendida como produto de um enlace), é que a encontramos, novamente, como suporte para a renovação da noção psicanalítica de sintoma.

De toda forma, para uma apreensão de um "Lacan leitor de Joyce", é preciso estar permanentemente alerta para dois aspectos. Um primeiro: ter em mente que a leitura lacaniana de Joyce visa, sobretudo, a um apoio para uma renovação da prática e da teoria psicanalíticas. Tal precaução justifica-se à medida que a ousadia da leitura de Lacan (chegando ao ponto de nomear Joyce como *Joyce-le-sinthome*) encontra seu verdadeiro impacto em meio ao debate psicanalítico. Por outro lado, é preciso

reconhecer que as conseqüências dessa leitura – a bem da verdade, ainda em apreciação – extrapolaram o campo da psicanálise e atraíram a atenção dos críticos da obra de Joyce, criando uma zona de interface – suportada, justamente, pela obra de Joyce – entre a psicanálise e os estudos literários.

NOTAS:

1. Na sua edição de verão de 1992, o *James Joyce Quaterly* publica uma comovente carta de John Dixon, filho de Vladimir Dixon, atestando a veracidade da carta enviada por seu pai ao escritor irlandês. Dixon. *James Joyce Quaterly*, v.29, n.3, p.485-492.
2. Um exemplo será suficiente: Lacan passa a grafar o sintoma como *sinthome*, remetendo ao movimento de fuga de sentido das palavras de *Finnegans Wake*, em que, ao mesmo tempo, é possível ler, em francês, "sintoma", como também "santo homem", ou, se quisermos, uma alusão ao nome de "São Tomás" (de Aquino).

ABSTRACT:

Jacques Lacan, the French psychoanalyst, has made frequent references to the writings of James Joyce. Tracing these references from a specific point of view concerning the relationship between Literature and Psychoanalysis, we could identify some elements for a doctrine of the letter in the field of language, concerning its essence and materiality. These elements have led our research to an inquiry on the status of the voice, considered not only from the standards of orality but also from its relation to the letter.

KEY WORDS: *James Joyce; Jacques Lacan; the letter; the voice.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Joyce, James. *Um retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Siciliano, 1992.

Lacan, Jacques. *Joyce le symptôme I*. In: Aubert, Jacques. *Joyce avec Lacan*. Paris: Navarin, 1987. p.21-29.

Regnault, François. *El arte según Lacan*. Barcelona: Atuel/Eolia, 1995.

Restuccia, Frances L. *Joyce and the law of the father*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1989.

Starobinski, Jean. *La relation critique*. Paris: Gallimard, 1970. p.255-285: *Psychanalyse et connaissance littéraire*.